

MUNDO PERFEITO

De Rafael Poggi

vítima? - Vamos por partes, então – disse o delegado: você conhecia bem a

- Vítima?

- Sim, a vítima.

- Vítima de quê?

- Do crime!

- Do crime?

- Do crime, ora!

- Que crime? Ele se matou!

- Suicídio é crime.

- Mesmo?

- Ora, claro! Contra a própria pessoa que o comete!

- Não faz sentido.

- Como não? Achei que você, como estudante de psicologia, soubesse
isso.

Na verdade eu não vi analogia para tal observação do delegado.

- Então, quem é que vai pagar por esse “crime”? – perguntei.

Acredite, no momento aquela pergunta me pareceu o mais inocente
possível, mas a resposta fria do delegado, fria como aquela sala, me fez perceber o
contrário:

- Quem levou a vítima a tal ato.

Ele queria me intimidar, claro, mas eu não tinha mais nada a perder. Pelo
menos era o que eu pensava.

- Então, vamos recapitular: você teve contato com a *vítima* hoje? –
perguntou o delegado, frisando o *vítima*.

- Não.

- Não? Como não?!

- Tecnicamente não; já passa da meia-noite. Eu estive com ele ontem.

Eu precisava descontraí, mas claro, o delegado não compartilhou de
minha graça. Na verdade, nem eu muito.

- Senhor Mauro, pode, por favor, colaborar?

- Meu cliente está cansado, não podemos continuar com isso amanhã? –
quis saber meu advogado. Ele – meu tio, na verdade – estava tão cansado quando eu e o
próprio delegado, e queria a todo o custo evitar que eu falasse algo que pudesse me
comprometer, não obstante se pronunciasse pouco.

- Amanhã? – repetiu o delegado. – Sábado?

- Não, sexta.

- Mas, tecnicamente, hoje já é sexta-feira – lembrou o delegado, e deu uma risadinha sem graça.

- Não, eu quero falar – afirmei. – Preciso.

E precisava sim. Falar com alguém pessoalmente era o que eu mais queria aquela noite.

- Mauro, não precisa – meu tio advogado avisou.

- Eu quero.

- Tem certeza?

- O rapaz tem certeza – interpôs-se o delegado.

Houve um momento de silêncio.

- Posso? – perguntei.

- Comece.

Comecei.

Contei-lhes que cheguei a meu prédio por volta das oito horas da noite, já apressado, quando Fábio chamou e pediu que o esperasse chegar ao elevador. Esperei, mas não muito satisfeito, pois a hora urgia. Entenda, ele era meu amigo, desde a infância, quando ele se mudou lá para o prédio, e eu tenho a maior consideração para com meus amigos, e normalmente o esperaria com prazer. Mas devido a minha pressa – eu tinha um compromisso! – eu não lhe dei muita atenção.

- Lembro que ele sugeriu sairmos para beber umas, coisa que não fazíamos juntos havia tempo, mas eu declinei do convite. Não podia furar meu encontro com o Adriano, e para tanto eu precisava estar em casa, conectado a Internet em menos de cinco minutos – eu ia dizendo. - O Fábio era uma das poucas pessoas que sabiam de meu contato com o garoto, e me apoiava, não obstante eu sentisse, mesmo que tardiamente, seu ciúme – de amigo! Por favor! – pela minha dedicação aparentemente maior ao Adriano nos últimos meses.

- Aparente? – repetiu o delegado.

- É, aparente. – Pausa. – Está bem, eu só falava nele quando conversávamos. Isso pode ter mexido com ele.

- Entendo.

- Posso continuar?

- Continue.

Continuei.

Contei que cheguei em casa e ninguém estava – e entenda-se por ninguém minha mãe, que deixara um recado na secretária eletrônica avisando que iria passar a noite na casa de minha irmã, pois minha sobrinha estava com febre.

- Sabe como é avó, né?

- Não, não sei.

- Hum?

- Nunca conheci meus avós – confessou o delegado.

- Não? Por quê? Morreram antes de você nascer?
- Não. Eu sou órfão, nunca conheci meus pais, muito menos meus avós.
- Ora, mas ele podem ter morrido de qualquer maneira antes de você ter nascido, ou...

Pelo jeito como meu tio-advogado e o próprio delegado me encararam, achei melhor voltar ao assunto anterior e primordial.

Contei que ainda havia o recado de minha namorada na secretária-eletrônica, pedindo desculpas pela noite anterior, quando discutimos por um motivo que nem lembrava e que eu ligasse depois.

- Você não se lembra do motivo da briga? – espantou-se o delegado.
- Discussão.
- Dá no mesmo.
- Não. Veja bem, Dr. Delegado, quando discutimos, é uma ação verbal. Já uma briga pode envolver agressões físicas também.

- Mas de qualquer modo você não se lembra, o que significa que não se importa muito com ela.

- O quê?! Claro que me importo! Só não me importo com uma briguinta de nada.

- Então houve uma briga?
- Não, discussão!
- Mas você disse...
- Pela-mor-de-Deus! Onde quer chegar?
- Que você se importava tanto com ela quanto se importava com a vítima?

- O que o senhor está querendo insinuar? – interpôs-se o advogado.
- Por enquanto nada.
- Então deixe meu cliente continuar.
- Deixo, mas antes quero que ele escute isso: é a fita da secretária-eletrônica que encontramos em sua casa.

O delegado tocou a fita. Primeiro veio a mensagem de minha mãe:

Mauro, sou eu querido. Estou aqui na casa da sua irmã. Devo dormir aqui. A Bruninha tá passando mal, mas não é nada, só cólica. Vou dar uma mãozinha aqui. Qualquer coisa me liga. E não pendura na Internet! Beijo.

Um bip e veio o recado de minha namorada:

Oi, meu lindo. Aqui é sua namorada, se é que você se lembra de que tem uma. Olha, eu queria pedir desculpas pela nossa discussão ontem. Eu fui egoísta, sei que você deve estar atolado com seu projeto. Mas me liga, está bem? Te amo. Beijinhos.

Outro bip e não houve mais mensagens. O delegado me encarou firme.

- Quê?

- Lembrou-se do motivo da discussão?
 - Vagamente.
 - Vagamente? Está bem claro que se trata de seu projeto da faculdade.
 - Sim, e daí?
 - Senhor Mauro, o senhor não reconhece que fez de seu projeto e faculdade uma desculpa para se afastar de todos a seu redor?
 - O que diabos isso tem a ver?
 - Tem a ver que houve um crime hoje.
 - Por minha causa?
 - Não disse isso.
 - Pois parece que disse.
 - Não disse.
 - Mas...
 - Em todo o caso, eu quero que fique bem claro que esta fita vai ser anexada ao inquérito.
- Fez-se o silêncio. Esperei uma ação por parte de meu tio, mas nada.
- Vamos continuar, por favor – pediu o delegado. – E para encurtar, vamos direto a parte onde você iniciou a conversa com seu “projeto”.
 - Projeto?
 - Ora, não é assim que chamava seu amiguinho virtual?
- Eu estava para perder a paciência.
- Pelo que eu sei, o senhor ainda conversou novamente ontem à noite com a vítima.
 - Sim, por ICQ.
 - Você quer dizer pela Internet.
 - Sim.
 - Bem, eu tenho aqui a transcrição dessa breve conversa, que retiramos do seu computador. - Ele empurrou para mim um papel impresso direto de meus arquivos do computador. - Leia em voz alta, por favor – pediu o delegado.

Li:

MAURO

Depois tu fala de mim, seu mané. Tá pendurado na Internet.

FÁBIO

Estou apenas verificando meus e-mails. Tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar de papo aqui

MAURO

Como ver seus filmes por exemplo.

FÁBIO

Isso mesmo. Mas hj eu não vou ver um filme não, vou ler um livro.

MAURO

O quê?! Que milagre! Qual?

FÁBIO

O Apanhador no Campo de Centeio

MAURO

Mesmo?! É o livro predileto do Adriano!

FÁBIO

Sério?! Bem, talvez eu seja um suicida em potencial tb. Ehehehhe.
Falando nele, cadê o suicida mirim? Já se manifestou?

MAURO

Ainda não.

FÁBIO

Talvez tenha se matado já, eheheheh.

MAURO

Engraçadinho...

FÁBIO

Ele ainda pensa que você é aspirante a escritor?

MAURO

Acho que sim, pelo menos nunca mais tocou no assunto nem me perguntou nada. Por quê?

FÁBIO

Nada não, curiosidade. Bem, vou indo. Boa sorte.

MAURO

Valeu. Boa leitura.

Devolvi o papel ao delegado.

- O que mais?

- O senhor está se graduando em psicologia e não percebeu aqui que a vítima estava preste a cometer suicídio?

- Ora, o senhor não tem autoridade para isso! – exclamou, enfim, meu tio advogado. – Meu cliente estava preocupado com o outro garoto e nunca pensaria que seu amigo fosse cometer tal ato!

O delegado olhou para ele e depois para mim. – Não mesmo?

Fiquei calado, confuso.

- Eu tenho aqui a transcrição, cedida pelo senhor, da sua última conversa com Adriano. Vou lê-la juntamente com o senhor e peço que faça suas observações em relação a ela quando for necessário, ok?

- Está bem.

Ele me empurrou mais alguns papéis impressos e pediu que eu começasse a ler em voz alta. Era difícil, e por um momento eu pensei que ia começar a chorar na frente daqueles homens ao reler aquela minha conversa virtual com o garoto, mas agora com um ponto de vista totalmente diferente. Mas era preciso. E comecei:

MAURO

Oi, cara, vejo que ainda está vivo!

ADRIANO - FLORIPA

Como se você se importasse!

MAURO

Oi, também estava com saudades. E aí?

ADRIANO - FLORIPA

Na mesma, no meio do caminho da serra.

MAURO

Então vamos logo chegar ao topo dessa serra!

ADRIANO - FLORIPA

Ou ao pé dela, direto pro fundo do poço.

- Me diga um coisa, senhor Mauro – interrompeu-me o delegado – o senhor a essa altura já tinha a real idéia de que esse assim chamado Adriano poderia realmente vir a ser um suicida em potencial e achou que poderia ajuda-lo? Como?

- Não senhor, não achei que ele levaria a sério essa história.

- Por quê tem tanta certeza disso?

- Não disse que tenho certeza, disse que não *achava* que ele fosse fazer isso.

- Mas disse com certa convicção.

- Sim, mas...

- O senhor tem ciência de que pode ter colaborado com isso tudo pelo simples fato de ainda não ser um profissional graduado para isso?

O pior é que eu sabia que ele tinha razão.

- Vamos voltar a esse assunto mais tarde. Continue, sim?

Continuei:

MAURO

E aí? Como foi sua semana?

ADRIANO - FLORIPA

Na mesma. Tô de saco cheio da escola. Tô me dando mal e ainda nem comecei a estudar pro vestibular.

MAURO

E já decidiu o que vai fazer?

ADRIANO - FLORIPA

Eu já te disse, quero fazer cinema, pelo menos assim terei como me sustentar, mesmo que mal e porcamente.

MAURO

E quanto ao curso de historia?

ADRIANO - FLORIPA

Eu queria fazer sim, mas você sabe: formado em história eu vou acabar passando fome, ehehe.

MAURO

É verdade, hehe.

ADRIANO - FLORIPA

Em todo o caso, eu vou trancar mesmo a matrícula para ir estudar no exterior. Isso se eu passar, mas como sou burro, não vou chegar nem no final da primeira fase

MAURO

Não diz isso. Eu acredito em você. Acho que você também devia.

ADRIANO - FLORIPA

Não vem com esse papo não, que eu sei que é mentira, que você tá apenas dizendo isso para ser agradável.

MAURO

Eu não faria isso. Você sabe.

ADRIANO - FLORIPA

Será? Bem, não quero falar nisso. Aliás, nem sei por que a discussão. Talvez eu nem esteja aqui amanhã para decidir isso!

MAURO

Por quê? Vai viajar? Você adora viajar, né?

ADRIANO - FLORIPA

Só se for de LSD. Eu viajo obrigado pelos meus pais. Mas se você quiser pensar dessa forma, sim, vou viajar, uma viagem longa, sem volta.

MAURO

Você não está pensando em fazer alguma besteira, não é?

ADRIANO - FLORIPA

O que vc chama de besteira?

MAURO

Sei lá. Fugir de casa, brigar com algum amigo..., se matar...

ADRIANO - FLORIPA

Você sabe que não tenho amigos.

MAURO

Obrigado pela parte que me toca.

ADRIANO - FLORIPA

Não falava de vc, desculpe. Em todo o caso, se eu me matar, o que não é uma má idéia afinal, eu te cito em agradecimento na minha carta-testamento.

MAURO

Não tem do que agradecer. Se nesses últimos meses que a gente tem se falado eu não consegui mudar nem um pouco sua visão do mundo, não te ajudei em nada.

- O senhor realmente não podia estar mais certo, não é? – insinuou o delegado.

Eu tive vontade de revidar, mas ele estava certo. Infelizmente, estava. E era uma autoridade.

- Posso continuar?

- Por favor.

Continuei:

ADRIANO - FLORIPA

Pelo contrário: teria me ajudado a tomar essa decisão. não quero falar sobre isso, te digo uma só frase prá resumir: a vida é uma sequência de tristezas, fracassos e desilusões, às vezes interrompida por breves espaços de prazer sem sentido.

MAURO

Macabro isso. E profundo!

ADRIANO - FLORIPA

não é macabro, só verdadeiro, mas as pessoas tem medo do admitir. Querem sempre pensar positivo.

MAURO

Mas pensar positivo é o barato. Atraí!

ADRIANO - FLORIPA - FLORIPA

Vou dizer que os opostos se atraem.

MAURO

Bem, digo que você marcou um ponto agora. Mas quanto ao pensamento, ao interior, isso tudo muda um pouco. Sabe, é uma questão mais que espiritual. É uma questão... sei lá, de carma mesmo, de universo.

ADRIANO - FLORIPA

isso é uma fé boba! se tem uma coisa que eu não quero que aconteça é quase certo que vai acontecer, até agora nada do que eu realmente sonhava aconteceu... ou pelo menos deu um sinal de vida!

MAURO

Cara, você só tem 16 anos! Acredite em mim: já tive sua idade e sei como os sonhos são importantes. Para ter uma idéia, a vida que sonhei para mim quando tinha 16 nem perto é a que levo agora. Estou triste? Decepcionado, talvez, mas as coisas nem sempre acontecem do jeito que a gente quer. Temos que ser maduros para enfrentar isso e preparar, ou tentar, um futuro melhor.

ADRIANO - FLORIPA

Não estou num dos meus melhores dias para discutir isso. Não sei se estou pensando bem...

- Pela hora marcada aqui, senhor Mauro – disse o delegado -, entre penúltima mensagem e a, houve um intervalo de quase dois minutos. Nenhum dos dois se manifestou. Não tenho muita experiência em Internet e chats, ICQ, essas coisas. Mas creio que, a não ser que o senhor tenha perdido a conexão, uma resposta não demora tanto a chegar, demora?

- Depende da sua conexão.

- Estou me baseado na *sua* conexão. Entre as outras mensagens, entre grandes até, não demorou tanto. O que passou pela sua cabeça nessa hora?

- Como assim?

- Eu explico: um garoto que diz claramente que está pensando em se matar fica um tempo sem se pronunciar. O que o senhor pensou sobre isso? O que sentiu?

- Não sei bem. Acho que senti medo.

- Medo?

- Sim, de que ele realmente fizesse alguma besteira. Fiquei preocupado.

- E o que fez sobre isso?

- O que queria que eu fizesse? Mais de mil quilômetros separam o Rio de Florianópolis.

O delegado me encarou firme e bufou.

- É, realmente. Bem, vejo aqui que o Adriano pediu um tempo, que não estava “pensando bem”, segundo suas próprias palavras.

- Certo.

- Vejo aqui que sua namorada entrou *on line* e que novamente vocês discutiram. Quer falar sobre isso?

- Não, na verdade.

- Mas vamos falar sobre isso de qualquer jeito. Ela diz claramente aqui, e pelo visto acredito que tenha sido esse o motivo de sua discussão anterior, que o senhor vêm dando as costas para ela, sua família e seus amigos.

- Não estou dando as costas para nada! – exclamei.

- Curioso, foi o que o senhor respondeu a ela. Está aqui, escrito!

Estava mesmo.

- E ela não respondeu – afirmou o delegado. Por quê não insistiu?

- Porque o Adriano entrou novamente no chat.

- E com certeza ele era mais importante que sua namorada.

- Naquele momento sim.

- E aquele momento já durava meses, não é?

Eu não daria o braço a torcer, mas ele tinha razão.

- Por favor, continue a leitura de onde Adriano volta para o chat.

Continuei:

MAURO

Se está pensando melhor, então manda!

ADRIANO - FLORIPA

Mandar o quê?

MAURO

Seus pensamentos, fala aí!

ADRIANO - FLORIPA

Ah! Não dês língua a seus próprios pensamentos, nem corpo aos que não forem convenientes.

MAURO

Bonito isso. De quem é? Platão?

ADRIANO - FLORIPA

Meu.

MAURO

Muito legal! Profundo, bonito mesmo! Parabéns por pensar algo assim!

ADRIANO - FLORIPA

Tô brincando. É de um cara um pouco mais inteligente do que eu chamado Shakespierre.

Pelo jeito como meu tio e o delegado e até o escrivão me olharam, percebi bem a gafe que eu cometera ao confundir Platão com Shakespierre, revelando minha ignorância literária e até mesmo filosófica. Não que eles fossem os *experts*, mas o próprio Adriano me corrigiu, mostrando que ele era um pouco mais esperto do que eu pensava.

Não obstante, preferi continuar:

MAURO

Ah, bem que eu reconheci. Mas por um segundo cheguei mesmo a acreditar. É, ele é um pouquinho mais inteligente que nós dois reunidos. Quer dizer, era. Tá morto. E morto ainda pode ser superado pelos vivos!!! vamos tentar?

ADRIANO - FLORIPA

Tentar supera-lo? não acho tão difícil, não que eu consiga (mas acho que vc pode), mas não acho ele o maior gênio da literatura como o consideram...

MAURO

Pra falar a verdade, nem eu. Mas eu não superaria ele, será? Sou modesto pra afirmar que não...

ADRIANO - FLORIPA

Disso não sei... Só sei que eu nunca superaria nem ele nem ninguém...

MAURO

Você se subestima demais.

ADRIANO - FLORIPA

Mas é a mais pura verdade.

MAURO

Eu táva aqui pensando... você disse uma vez que escrevia coisas mas que jogava tudo fora sem mostrar a ninguém... E você disse depois que queria me ajudar a escrever... Porque você ao invés de jogar fora as coisas, não me manda?

ADRIANO - FLORIPA

pq eu tenho vergonha, se eu jogo fora um dos motivos é que eu não quero que ninguém veja!

MAURO

Mas se você me disse que queria escrever comigo, acho legal se você me mandar o que escreve, não?

ADRIANO - FLORIPA

não, pensando melhor acho que vc deveria esquecer a idéia que eu voou escrever com vc.

MAURO

Por quê?! Eu tinha ficado empolgado!

ADRIANO - FLORIPA

Não minta, e além do mais vc escreveria melhor sem mim, e eu Não vou ter nenhuma idéia boa, assim como até hoje não tive e não quero que vc perca o seu tempo comigo!

MAURO

Não considero isso perda de tempo, e sim aprendizado. Mesmo. E não to mentindo. se você estivesse aqui, poderia te apresentar vários amigos pra quem eu disse que você iria escrever algumas coisas comigo e todos acharam o máximo!

ADRIANO - FLORIPA

Pq achariam isso? Nem me conhecem!

MAURO

Eu falei pra eles sobre você - claro, nem tudo - e falei que você queria me ajudar a escrever e eles acharam legal porque podemos trocar experiências de idade, gerações diferentes, essas coisas...

ADRIANO - FLORIPA

É, mas nós dois sabemos que eu não sei escrever e nem tenho idéias...

MAURO

Meu Deus! E as coisas que você escreve e joga fora?! Saber escrever você sabe!

ADRIANO - FLORIPA

meu Deus com vc insisti!!! Pq não admite que vc Não quer que eu escreva com vc?!!

MAURO

Mas eu quero, ora! EU juro!

ADRIANO - FLORIPA

criatura, fui eu que me convidei e eu me desconvido agora. (e de qualquer jeito se eu não me convidasse vc tb não iria me convidar!)

MAURO

Por que tem tanta certeza disso? E meu nome não é criatura. E se você não quiser, eu sei que nada no mundo pode fazer sua cabeça do contrário. Só você. Eu gostaria...

ADRIANO - FLORIPA

Ok, mas por enquanto não.

MAURO

Ok, então. Por que não faz o seguinte: ao invés de jogar fora o que escreve, guarda. Quando se sentir a vontade para partilhar comigo, você me manda!

ADRIANO - FLORIPA

Ok.

- Esse Adriano é mesmo teimoso – concluiu o delegado, mas quase que para si mesmo, o que não me surpreendeu, pois tive a mesma reação durante aquele chat, conforme confessei ao delegado. – Mas você acabou contornando a situação – disse-me o delegado, dessa vez com um pequeno tom de respeito. Pequeno, mas considerativo. Isso me surpreendeu.

- Eu pensei que estava fazendo progresso – disse.

- Mas pelo que vi logo em seguida, ele vira o jogo.

Baixei a cabeça.

- Continue a leitura.

Continuei:

MAURO

Vc é um cara muito especial, sabia?

ADRIANO - FLORIPA

Não, por quê?

MAURO

Porque é! é sincero, não deve nada a ninguém, gosta de boa música, de conversar, de impor e até expor seus desejos. Isso te faz um cara especial. E é um amigo nato

ADRIANO - FLORIPA

Humm... Legal.

MAURO

Legal é vc, acredite!

ADRIANO - FLORIPA

todos gostam de conversar eu na verdade odeio falar, mas, talvez só q eu tenha gostos mais parecidos com os teus...

MAURO

Eu não disse que seus gostos são iguais aos meus...

ADRIANO - FLORIPA

E não são mesmo.

MAURO

Eu sei. Só para provar que amizade independe de coisas em comum - bem, pelo menos não de tudo.

ADRIANO - FLORIPA

olha vc q diz q é um observador, eu to tentando me observar desde ontem mas não cheguei a conclusão nenhuma, então diga como é meu jeito?

MAURO

Ce tá brincando, né?

ADRIANO - FLORIPA

Pq estaria?

MAURO

Eu posso ser bom observador, mas sou péssimo em falar sobre isso.

- Percebi aqui uma leve hesitação sua, senhor Mauro, ou foi minha imaginação? – perguntou o delegado.

- Não, o senhor está certo. É muito delicado para um psicólogo dizer o que acha de seu paciente.

- Ah, então o encarava como um paciente!

- Sim... quer dizer... não!

Eu me complicava, pois sabia onde ele queria chegar.

- O senhor não sabe que clinicar via Internet é contra-lei? Ainda mais nem sendo graduado!

Olhei para meu tio advogado, que fazia que não.

- O que eu quis dizer – eu disse por fim – é que qualquer coisa que eu dissesse a ele sobre o que eu pensava sobre ele poderia ser interpretado da maneira errada.

- Imagino. Mas nem por isso o senhor deixou de falar.

- Eu tinha que falar, nem que inventasse algo!

- E o senhor inventou?

Fiquei calado.

- Senhor Mauro? – insistiu o delegado.

- Não.

Ele sorriu. – Continue, por favor.

Continuei:

ADRIANO - FLORIPA

bom mas eu quero saber sobre mim. meu deus me diga meus defeitos, (juro q não vou comentar nada sobre o q vc falar).

MAURO

Nem precisa comentar. E eu já disse tudo o que eu acho de você.

ADRIANO - FLORIPA

mas vc não disse nenhum defeito.

MAURO

Não me referi só a hoje, mas nesse tempo todo que viemos conversando. Bom, apesar de tudo aquilo que eu disse, você é uma pessoa APARENTEMENTE insegura, tímida, escondida atrás de um belo jovem (nada de boiola nisso, ok?), que teme ser mais ousado na vida. É isso o q eu acho.

ADRIANO - FLORIPA

Bom... prá amenizar diga alguma qualidades...

MAURO

Bom, eu já disse, mas posso repetir: você é bonito, amigo, sincero, impõe suas vontades, não é chato, tem sensibilidade, bom gosto musical, o q mais quer saber? Cê sabe que eu gosto de você, né?

ADRIANO - FLORIPA

acho q sei...não entendo como. mas acredito em você.

MAURO

Isso se chama confiança. É o máximo elo em uma amizade. Confie!

ADRIANO - FLORIPA

acho q eu nunca falei isso mas ai vai: eu gosto de ter vc como amigo.

MAURO

Poxa, eu adorei ouvir, quer dizer, ler isso. Sabe, não nos conhecemos pessoalmente e posso dizer com certeza: de todos meus amigos, na net ou pessoais, você é o mais sincero de todos.

ADRIANO - FLORIPA

bom q acha isso. mas cuidado pra não se enganar...e pq acha q eu sou sincero..?

MAURO

Respondo com sua observação: "cuidado para não se enganar..."

ADRIANO - FLORIPA

Não entendi.

MAURO

Você disse que para eu ter cuidado para não me enganar quanto a sua sinceridade. Isso é ser sincero.

ADRIANO - FLORIPA

Acha mesmo?

MAURO

Claro! Caso contrário eu estaria mentindo para você.

ADRIANO - FLORIPA

E pq não estaria agora?

MAURO

Você é muito teimoso, sabia? Se eu disse que estou falando a verdade, você devia acreditar. Você sabe que eu estou certo.

ADRIANO - FLORIPA

Vai, vc tá com a razão, eu sou um adolescente retardado (que sou igualzinho a maioria, penso a mesma coisa), como vc é muito mais vivido, tudo que vc falar está certo e eu não posso contestar!”

MAURO

Eu não disse isso, aprenda a interpretar as coisas com mais razão. Olha, você entendeu tudo errado. Você tem todo o direito de contestar, claro que tem, se não o mundo seria uma merda, mas você não pode simplesmente achar que o que você diz é a verdade absoluta.

ADRIANO - FLORIPA

Acho que vc deveria então explicar com mais clareza é pq minha cabeça de adolescente só pensa porcaria e então eu não consigo entender os seus textos, Quem sabe quando eu tiver a sua idade, e for mais vivido eu entenda!

MAURO

Não seja grosso, Adriano. Não disse que com minha idade eu sei de tudo (tenho muito o que aprender ainda). Talvez você seja bem mais esperto do que eu na minha idade! isso é relativo. mas você

precisa ser humilde para aceitar a opinião dos outros e aprender a dialogar com os outros para chegarmos todos juntos num consenso, ok?

ADRIANO - FLORIPA

Juro. nao disse que com minha idade eu sei de tudo (tenho muito o que aprender ainda). Talvez vc seja bem mais esperto do que eu na minha idade! isso é relativo. mas vc precisa ser humilde para aceitar a opinião dos outros e aprender a dialogar com os outros para chegarmos todos juntos num consenso, ok?"

MAURO

Por que você não cria suas frases? Tem capacidade para isso.

ADRIANO - FLORIPA

vc disse o que eu a dizer prá vc! Só me popei o trbalho de formular novas!

MAURO

Tá bem... você poderia me dar seu telefone? acho que precisamos conversar pessoalmente...

ADRIANO - FLORIPA

Cust muito caro!!!!!!

MAURO

Eu pago!

ADRIANO - FLORIPA

Não gosto de falar no telefone, geralemnte quando é pra mim, dsligo na cara da pssoa

MAURO

Não desligue, é falta de educação. Me de seu telefone e fale comigo.

- Bem, senhor Mauro, vejo aqui que o seu, digamos..., amigo virtual lhe deixou falando sozinho, pois há mais duas inserções suas perguntando por ele.

- Sim, é verdade.

- E vejo também que estamos para ter uma grande reviravolta nessa história. Grandes revelações estão para surgir. E me diga: o senhor não percebeu nada nesse último trecho?

- Na verdade sim. Ele começou a escrever com bastante erros de digitação, o que mostra um certo nervosismo. Medo também, talvez.

- Estou vendo. E imagina por quê?

- Acredito que ele tivesse medo de ser exposto ao falar ao telefone comigo.

- Exposto?

- Sim.

- O que então me leva a uma dúvida: o senhor disse diversas vezes ao garoto que ele era bonito.

- O que o senhor quer insinuar? – intrigou-se o meu tio.

- Calma, doutor, não estou duvidando da sexualidade de seu cliente. Mas ele disse ao garoto que o achava bonito, o que demonstra que sabia como ele era fisicamente.

- Ele me mandou uma foto de quando era criança – eu disse. – Ele devia ter uns oito anos, dez no máximo.

- E como sabia que era ele na foto?

Fiquei calado, mas o delegado sabia qual seria a minha óbvia resposta.

- Não há como saber, não é mesmo? – ele disse.

- Não, não há. Mas eu confiei nele.

- Assim como ele confiou no senhor?

Não tive resposta.

- Vamos continuar a leitura? – sugeriu.

Sabendo que aquilo, pelo menos a parte da leitura, estava chegando ao fim, eu me forcei a continuar – e sabia que o pior trecho daquela conversa estava por vir, o que foi muito difícil para mim.

ADRIANO – FLORIPA

Qual é a sua afinal de contas?

MAURO

Como assim?

ADRIANO – FLORIPA

Vc não tem uma vida não? Há meses vc vem falando comigo e o que ganhou com isso?

MAURO

Experiência.

ADRIANO – FLORIPA

Experiência em que? Ema dolescentes problemáticos? Você vai escrever um livro sobre mim? Vc deve se achar mesmo o rei da cocada preta. O senhor sabe-tudo-sobre-adolescentes. Grandes merdas... Você tá enganado, cara. Você não sabe de nada. Você se tranca o dia inteiro numa sala de faculdade para aprender coisas sobre a cabeça das pessoas, sobre o comportamento delas, chega em casa e tenta por tudo em prática com o primeiro garoto que conhece na Internet e pensa que tá certo. Tá tudo errado! Tudo! Você aprende uma coisa mas na verdade não aprendeu nada, nada! Tudo tá errado. Você se esquece de uma única coisa, uma coisa importante; uma coisa que todo mundo tem.

MAURO

O quê?

ADRIANO – FLORIPA

Somos todos indivíduos diferentes. E como tal temos sentimentos. Temos coração. As pessoas são diferentes e por isso têm sentimentos diferentes. Não somos iguais, temos livre arbítrio, individualidade. Não somos estereótipos. Eu sou mais que um adolescente do outro lado da linha; sou uma pessoa... Tenho meus conflitos. Mas não é engraçado? Você me julga por esses conflitos ou pelo que pensa sobre eles?

MAURO

O que quer que eu responda?

ADRIANO – FLORIPA

Eu sabia que ia dizer isso. VC não pode ter julgamento qualquer sobre mim porque você não me conhece. Eu sou para vc apenas um garoto, quando muito uma boa tese para sua monografia, sr psicólogo.

MAURO

Como sabe sobre isso? Como sabe que eu tô me formando em psicologia?

ADRIANO – FLORIPA

Muitas perguntas, respostas óbvias. Você sempre foi assim, meio sonso, desde pequeno. Se achava o entendedor de tudo, o sábio, e

odiava ser criticado, muito menos admitir que estava errado e perceber que nem sempre era o centro das atenções, o centro do universo. VC sempre foi um bom amigo, mas tem que admitir que gostava de ser o modelo, aquele que todos deviam seguir. Sabe, vc táva certo, mas infelizmente eu, como muitos, não vivemos num mundo apenas de espelhos. E mesmo que vivêssemos, não é o seu reflexo que veríamos nele.

MAURO

Fábio? É vc?!?!

- O interessante nisso tudo – disse o delegado, interrompendo a leitura, é que vc realmente só percebeu isso na ultima hora.

Olhei para o delegado com toda a raiva do mundo. Mas a raiva que eu sentia não é pela sua presunção ou por seu ar intimidante. A raiva que eu sentia era de mim mesmo, por saber que ele tinha razão.

Senti vontade de chorar novamente, mas nenhuma lágrima saiu de meus olhos.

- Por favor, vamos continuar – pediu o delegado.

Continuei:

MAURO

Que porra de brincadeira é essa?!

ADRIANO – FLORIPA

Sempre fomos amigos cara. Talvez eu mais de vc do que vc de mim. Mas não reclamo disso. Nunca reclamei. Você vinha se afastando gradativamente, eu percebi isso; todos percebemos. Mas eu não pude acreditar, não o meu amigo; ele não me abandonaria. E quando você veio coma história de querer uma monografia sobre os relacionamentos na Internet, eu pensei: “Por que não?”. Começou como uma brincadeira, mas como você não descobria, ou não dava o braço a torcer, eu continuei...

MAURO

Mas por quê? Por quê?

Era o fim da transcrição. Pelo menos no meu papel.

- Acho que todos sabemos como isso terminou – disse meu tio. – Se o senhor não tem qualquer acusação formal contra meu cliente, eu gostaria que o liberasse. Já é tarde e precisamos todos descansar.

O delegado olhou fixo para meu tio advogado e depois para mim.

- Não, não tenho qualquer acusação formal contra seu cliente. Os senhores podem ir.

Um forte alívio tomou conta de meu peito, muito embora eu não me sentisse totalmente aliviado. Aquilo estava longe de acabar. Definitivamente.

- Mas antes – disse o delegado quando meu tio já se levantava – gostaria de que seu cliente lesse essa parte final da conversa dele com o Adriano, ou Fábio, como queiram. É apenas uma frase. Foi tirada do computador da vítima, que não sei porquê motivo não a enviou antes de deferir o tiro contra a própria cabeça..

Ele passou o papel para mim. Lá estavam as duas últimas frases trocadas por mim e Fábio, com o pseudônimo de Adriano. Dessa vez meus olhos se encheram d'água e não tive como não deixar uma ou duas lágrimas caírem.

ADRIANO – FLORIPA

Sempre fomos amigos cara. Talvez eu mais de vc do que vc de mim. Mas não reclamo disso. Nunca reclamei. Você vinha se afastando gradativamente, eu percebi isso; todos percebemos. Mas eu não pude acreditar, não o meu amigo; ele não me abandonaria. E quando você veio coma história de querer uma monografia sobre os relacionamentos na Internet, eu pensei: “Por que não?”. Começou como uma brincadeira, mas como você não descobria, ou não dava o braço a torcer, eu continuei...

MAURO

Mas por quê? Por quê?

ADRIANO – FLORIPA

Porque eu nunca recebi tanta atenção de vc antes...

Porque eu nunca recebi tanta atenção de você antes... Aquelas palavras foram as mais duras já ditas para mim. Não fora um xingamento. Não fora uma ofensa. Foram palavras que expressavam a verdade. E a verdade, quando tentamos negá-la, sempre dói.

- O inquérito está apenas começando, senhor Mauro – avisou o delegado. – Não posso indiciá-lo muito menos acusa-lo de nada, a não ser de falsidade ideológica. A legislação para a Internet aqui no país ainda não é totalmente clara ou perfeita. Não posso dizer, em nome da lei, se o senhor foi responsável direta ou indiretamente pela morte de seu amigo Fábio. Nem sei se um dia poderia-se provar alguma coisa.

“Mas eu quero que o senhor pense numa coisa, que reflita sobre isso e talvez poderá se tornar um excelente profissional na sua área: o mundo real é muito, mas muito melhor do que esse novo mundo virtual. Não é perfeito, está longe disso. Mas nele há pessoas, pessoas reais. Pessoas que carregam emoções e sentimentos e que não podem ser menosprezadas ou manipuladas para melhorar a nossa própria concepção de vida.

“Seu amigo Fábio, sentindo-se um tanto menosprezado por você, usou de um artifício para se aproximar do melhor amigo. Começou como uma brincadeira e acabou como uma tragédia. Nada vai poder compensar a perda de uma vida humana. E infelizmente você vai ter que conviver com isso.

“Seu amigo era apaixonado por você, ele o idolatrava. Uma paixão platônica. Paixão de amigo. E você, envolto com suas obrigações escolares e profissionais, foi se afastando dele e, pelo visto, de todos os outros a sua volta.”

Ele tinha razão. Levantou-se e estendeu-me a mão. Sem hesitar, e ainda tremendo um pouco, apertei-a.

- Não dê as costas para o mundo, senhor Mauro – disse-me. – Não mais.

- Tentarei.

Dito isto, meu tio também apertou a mão do delegado e junto comigo saiu da sala.

As palavras do delegado ainda ecoavam pela minha cabeça quando deixei a delegacia. Olhei em volta, as ruas mal iluminadas, o céu escuro, sem estrelas visíveis. O ar gelado da noite de inverno. Era o mesmo mundo a que eu estava acostumado desde que nele cheguei, há 22 anos. Mas de alguma forma era novo para mim. E eu aprenderia a me apaixonar por ele. E por aqueles que faziam parte dele.

- Vamos, sua mãe está esperando – chamou-me meu tio.

- Sim, vamos logo.